

CRIART

ESCOLA DE ARTES DECORATIVAS

Apostila - Capítulo 2

Estilos do Mobiliário

Mobiliário no Brasil

Podemos dividir a história do mobiliário brasileiro em quatro períodos:

1º Período: Séculos XVI e XVII, que correspondem aos anos de 1500 e 1600.

- *O legado indígena;*
- *Os bandeirantes;*
- *Os holandeses.*

2º Período: Século XVII, correspondendo aos anos de 1600.

- *D. Manuel (com grande atraso no período histórico);*
- *D. João V;*
- *D. José I.*

3º Período: Final do século XVIII e século XIX.

- *D. Maria;*
- *D. João VI;*

4º Império Brasileiro:

- *D. Pedro I : Estilo Béranger;*
- *D. Pedro II: Estilo Vitoriano.*

Mobiliário no Brasil

A partir dos anos 1900 (século XX), os estilos dos móveis internacionalizaram-se e o que ocorreu no Brasil, ocorreu também na França, Itália, Inglaterra, Estados Unidos, etc.

Na passagem do século XIX para o século XX temos os movimentos:

- *Art Nouveau;*
- *Art Déco (nas décadas de 20 e 30 - entre guerras);*
- *Modernismo (anos de 40 e 50);*
- *Pós-Moderno;*
- *Contemporâneo.*

A Descoberta do Brasil

Os Índios

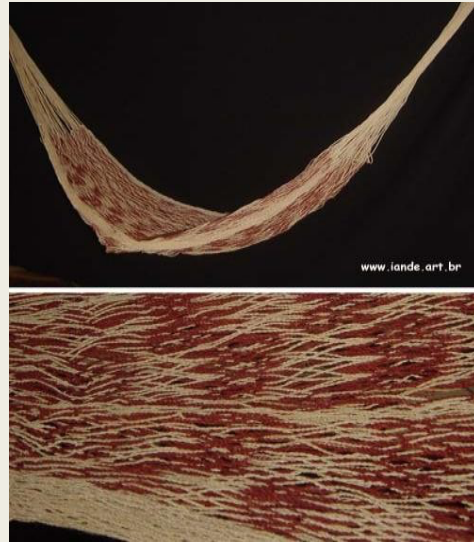


O legado dos índios para a história do mobiliário brasileiro é significativo, porém, bastante resumido.

Seus utensílios são considerados mais importantes do que propriamente os móveis.



Exemplos de influências indígenas



- **A REDE:**

Até hoje usada de Norte a Sul do Brasil, é elemento de grande importância e presença constante nos interiores das casas do Norte e Nordeste brasileiro.



- **A ESTEIRA:**

Tramada com fibras vegetais, serve como lugar para sentar e também para dormir. No sul do Brasil, com seu clima mais temperado, é usada tradicionalmente como utensílio de praia.

Exemplos de influências indígenas

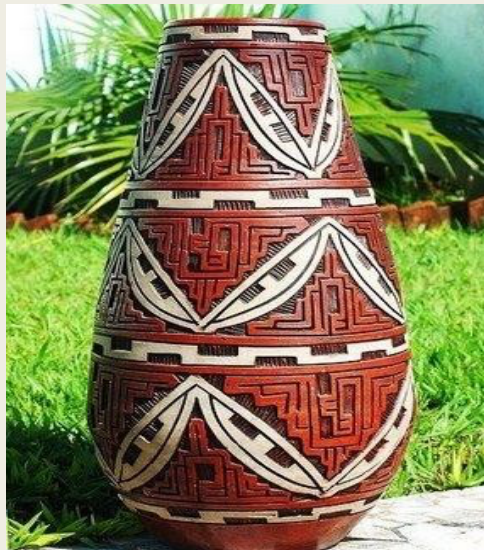


Um dos tipos de Jirau nos tempos de hoje.

- **O JIRAU:**

Estrado ou pequena prateleira suspensa que tem a finalidade de guardar alimentos e resguardá-los de animais rasteiros. O termo “jirau” é utilizado em arquitetura para denominar elementos suspensos de construção. No sul, o jirau é conhecido como mezanino.

Exemplos de influências indígenas



■ A CERÂMICA:

Das artes indígenas a que mais se destacou foi a encontrada na ilha de Marajó e regiões vizinhas. Vasos, urnas, potes, bacias eram trabalhados com desenhos geométricos e representações da figura humana, muito expressiva. Caracterizava-se por traçados com incisões leves sobre a argila. As urnas, algumas em forma de ânforas, chegavam a medir 1,50m de altura e tinham alças em forma de serpentes ou crocodilos. Também foram encontradas urnas em forma de jabutis ou antas. Serviam para guardar os restos mortais e são consideradas as peças mais interessantes desta arte.

Comparativamente aos Maias, Aztecas e Incas, nosso índio encontrava-se em um estágio de muito atraso.

A arte Marajoara tem influenciado designers da atualidade, que aplicando suas características, procuram formar ambientes genuinamente brasileiros. Estas características aparecem na padronagem de tecidos, frisos nas paredes, entalhes na madeira, no uso de vasos, pratos e potes de cerâmica, esteiras, redes e muitas plantas exóticas, formando um conjunto bem tropical denominado “Estilo Marajoara”.

Os Bandeirantes



Diferentes tipos de bandeirantes

A história do Brasil, durante o século XVII, foi marcada pelas “Entradas e Bandeiras”, expedições exploratórias que ocorreram durante os primeiros 200 anos após a descoberta das terras brasileiras pelos portugueses. Grupos de homens em busca de riquezas fáceis e lucros rápidos organizam-se para descobrir e explorar o ouro, as pedras preciosas e até a madeira, recursos que afluíam abundantes.

Em Portugal, as notícias corriam rápidas sobre as fantásticas oportunidades de enriquecimento, nas distantes terras além-mar, mas às mesmas notícias mesclavam-se histórias de perigos que teriam que enfrentar: meses no mar, índios selvagens, pirataria, doenças e tantos outros perigos afastavam homens de bem, mas incitavam os aventureiros e os criminosos condenados, que podiam escolher entre a pena de morte ou a vinda para o Brasil.

Assim iniciou a ocupação do Brasil, sem uma verdadeira intenção de colonização. Na época, não se cogitava de para cá trazer família. Definitivamente, não era lugar para mulheres e crianças. Portanto, na bagagem não se incluía nada que pudesse significar uma larga permanência. Móveis e objetos mais volumosos eram deixados para trás. Apenas a arca era trazida de Portugal, reforçada com tirantes de ferro, o que garantia a segurança do ouro e pedras preciosas que aqui encontrassem.

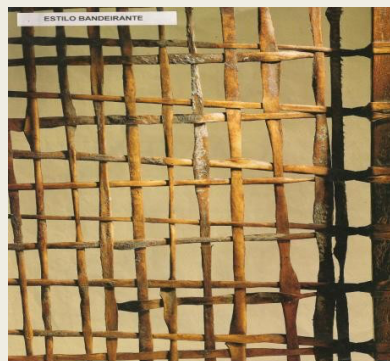
Móveis toscos, rudimentares, de pequeno porte para que pudessem apenas ser transportados de um garimpo para o outro eram fabricados aqui mesmo, por mãos pouco habilidosas. Pregos e acessórios como ferragens não eram encontrados por aqui, portanto, os móveis deste período, raramente, apresentavam puxadores e fechaduras de metal. As junções eram encaixadas e reforçadas por cunhas de madeira, os puxadores e fechaduras resumiam-se a travessas de madeira. As dobradiças eram feitas com tiras de couro ou pinos de madeira.

Os Bandeirantes



■ OS ARMÁRIOS:

De pequeno porte, tinham pernas exageradamente altas para evitar o assédio de animais rasteiros. Em geral, apresentavam duas portas com puxadores de bolinhas de madeira ou pequena tramela. O frontão era retilíneo ou com recortes simples. Os jiraus indígenas eram utilizados para armazenar alimentos. Nestes, notava-se novamente a ausência de ferragens.



■ AS CAMAS:

Chamadas de catres, eram estreitas na largura, com cerca de 60 cm. O lastro era feito de tiras de couro e era comum encontrá-la numa versão desmontável, como as que hoje chamamos de “camas de campanha”.

Os Bandeirantes



■ AS MESAS:

Sobre pés de cavalete, eram também desmontáveis e fáceis de transportar. O tampo, não raro, tinha gavetas na parte de baixo, e ao ser colocado no chão assumia função de cama ou de estrado para sentar.

■ OS ORATÓRIOS:

Peça sempre integrante do mobiliário português. País com fortes raízes católicas, seu povo sempre se fez acompanhar do Santo Protetor. Cada família, ao escolher seu Santo Protetor, colocava-o no oratório, que podia ser desde um altar completo com uma pequena capela, até um armário com portas de vidro ou madeira, onde a imagem ficava resguardada. Como havia o costume de reunir a família em determinados horários para rezar, um acessório comumente acompanhava o oratório, chamado de genuflexório, onde o devoto ajoelhava-se para fazer suas orações.

Mesmo nos estilos vindos de países com tradição protestante, como Alemanha, Inglaterra ou Holanda aparecia o oratório, pois as famílias vindas destes países aqui chegando deparavam-se com a forte religiosidade do povo português.



Genuflexório

Os Bandeirantes



■ A ARCA OU BAÚ

Tinha função de cofre. A arca com tampo arredondado. O baú com tampo reto.

Aspecto rústico, sem torneados. As que vinham de Portugal apresentavam pesados reforços de ferro. As que eram fabricadas no Brasil não tinham pregos ou reforços de metal.



O Móvel Holandês (1630 – 1654)

Em 1630, os holandeses desembarcaram nas terras de Pernambuco e aqui se estabeleceram, após atravessarem um período de batalhas constantes com os portugueses. No início, a situação era bastante confusa, mas em 1636, com a chegada do Conde Maurício de Nassau, pouco a pouco os invasores começaram a firmar-se e apresentar sinais de uma real colonização. Nassau concedeu aos colonos empréstimos, urbanizou a cidade de Recife construindo pontes, muitos prédios e calçando ruas.

Duraram 24 anos a invasão dos holandeses no Brasil. Neste período, costumes e hábitos incorporaram-se no dia-a-dia dos habitantes locais.

O mobiliário rico em detalhes ficou definitivamente adotado, fazendo parte da história do móvel brasileiro.

Características:

- *Móvel rústico;*
- *Grande porte;*
- *Com reforços, dobradiças, puxadores*
- *Portas almofadadas, às vezes com aplicações de baixos relevos ou talhas.*

O Móvel Holandês (1630 – 1654)

Vejamos agora as características de cada móvel para uma melhor identificação:

- **AS MESAS:**

Aparecem neste período diversos tipos de mesas, porém, todas eram de cavaletes, onde os pés eram reforçados por traves e sustentavam os tampos, que normalmente acomodavam gavetas. As gavetas eram uma constante nestas mesas, e podemos mencionar este detalhe como dos mais típicos deste estilo. Os puxadores e espelhos de fechaduras das gavetas apresentavam-se em ferro fundido, martelado.

Dois modelos podem ser destacados:

- **MESAS “PÉS -DE LIRA”:**

Tem as pernas recortadas fazendo formato de lira, como vemos na ilustração.



O Móvel Holandês (1630 – 1654)

- **MESAS “PÉS -DE-BURRO”:**

São peças que apresentam pés bem avolumados, lembrando os pés destes animais.

Normalmente, os tampos aparecem em duas cores: o centro é claro e a borda ou guarnição, cortada em esquadro, em madeira mais escura, sendo bastante usado o jacarandá.

As mesas de grande porte aparecem com gavetas dos dois lados, sendo usadas nos centros das salas. As gavetas destinavam-se a guardar os apetrechos de mesas.



O Móvel Holandês (1630 – 1654)



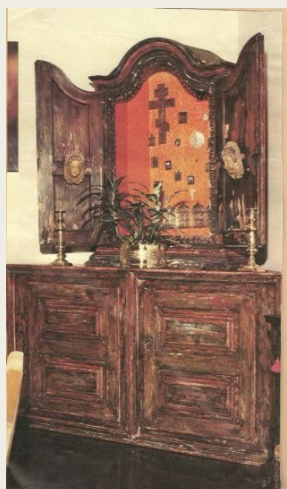
■ OS ARMÁRIOS:

De grande porte, normalmente com duas portas e gavetas à meia altura ou na parte de baixo. As fachadas das portas e gavetas apresentavam almofadas em forma de losangos ou em forma de “bico de diamante”. Os armários tinham aspecto pesado, eram muito resistentes e fortes. As laterais em geral eram bastante despojadas, pois não raro, estes móveis apareciam embutidos nas paredes com as laterais presas a um vão, na própria alvenaria.

O acabamento era na própria cor da madeira ou em cores vivas: azul, verde, vermelho ou branco. Apareciam, muitas vezes, pintados com ramos de flores, motivos religiosos ou iniciais.

O frontão dos armários (arremate da parte superior) apresenta normalmente um recorte ondulado que lembra o chapéu da holandesa.

As portas, muitas pesadas, eram reforçadas com dobradiças de ferro batido, em forma de lança. As gavetas, normalmente, apresentam puxadores de argola, também em ferro.



O Móvel Holandês (1630 – 1654)

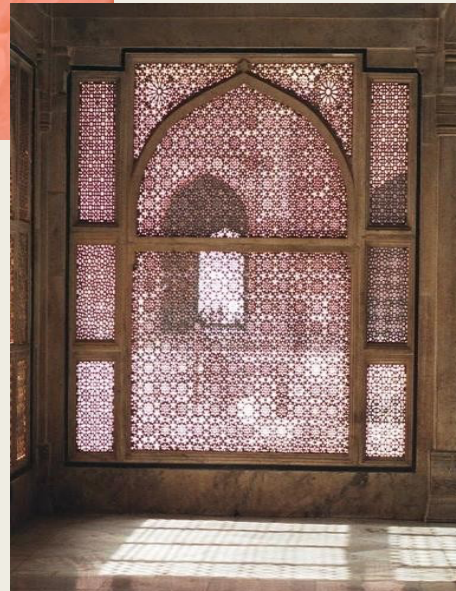
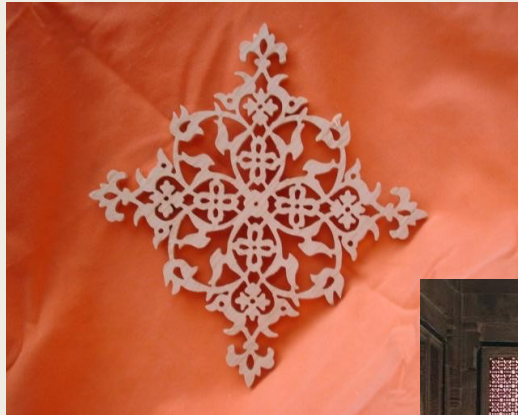


■ OS BANCOS:

Normalmente em grandes dimensões, apresentavam-se com recortes no encosto e abaixo do assento. Nas laterais aparecem saliências chamadas de “orelhas”. Nas sacristias aparecem também os “bancos-arcas”, onde se guardavam os paramentos e objetos sacros.



Influência da Espanha no Móvel Luso-brasileiro



A Espanha dominou Portugal entre 1580 e 1640. O que vemos de influência espanhola e também Mourisca (a Espanha foi dominada pelos Mouros durante 700 anos) no mobiliário luso-brasileiro foi à treliça (não confundir o trabalho delicado feito à base de encaixes e um só plano com ripinhas sobrepostas, usadas comumente nos caramanchões e hoje utilizadas também no mobiliário). Os rendilhados, os arcos muçulmanos, o ferro, as incrustações de osso e marfim, o couro lavrado, as tachas grandes, os painéis das portas dos armários e arcas apresentavam uma entalhação com desenhos geométricos quadrados, relativamente pequenos e colocados bem juntos um ao outro.

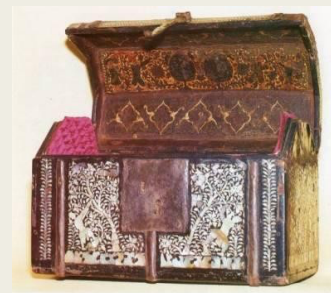
Influência da Índia no Mobiliário Luso-brasileiro



A Índia também trouxe ao mobiliário português e conseqüentemente ao brasileiro, valiosas contribuições:

O marfim trabalhado em incrustações, o delicado trabalho de entalhe sobre o cedro e o sândalo, a arte dos embutidos de materiais variados em madeira.

Um móvel que veio da Índia e foi adotado na Espanha e em Portugal foi o “contador” (na Espanha chamado de Bargeño). O mesmo servia para guardar documentos.



Influência do Oriente no Mobiliário Luso-brasileiro



A situação geográfica de Portugal, com seu relativamente extenso litoral e as limitações impostas ao seu comércio pelas poderosas monarquias vizinhas levaram D.João I, desde cedo, a compreender que o caminho para o desenvolvimento econômico de seu país encontrava-se no mar. Seria preciso vencer o obstáculo que o Oceano Atlântico representava para que o comércio pudesse expandir-se.

Nesta época, a rota mais lucrativa para o abastecimento do continente europeu era a que conduzia ao ponto extremo do Mediterrâneo Oriental. Para esta região, confluíam as caravanas vindas da Arábia, Pérsia, Mesopotâmia e Extremo Oriente, onde os comerciantes não se cansavam de adquirir o ferro, o chumbo, estanho, drogas medicinais, tecidos bordados com ouro e prata, tapetes, sedas, algodões, madeiras, laca, verniz, âmbar, açúcar, café, chá, marfim e porcelanas valiosas.

Sendo o Brasil colônia de Portugal, todas as influências por este recebidas, viriam também à nossa terra. Assim, o Oriente entrou também no mobiliário brasileiro. O mobiliário colonial, usado em nossos dias, influenciaram-se pelo Oriente, com a presença dos tapetes procedentes de diversos países daquela região.

O Estilo Manuelino



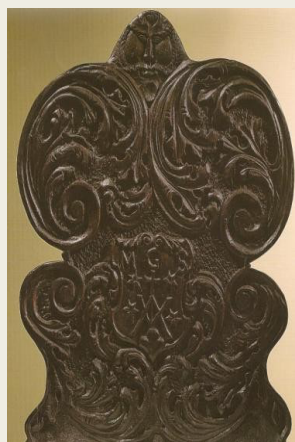
No reinado de D.João II e D.Manuel forma-se a arte chamada “Manuelina”.

D. Manuel reinou em Portugal de 1495 a 1521 e deslumbrou a Europa com o esplendor de sua corte. Foi chamado de “O Venturoso” pelos inúmeros acontecimentos felizes e gloriosos ocorridos durante o seu reinado. D.Manuel casou-se com D.Isabel, filha dos reis da Espanha.

Neste período, surgem grandiosas obras como: O Mosteiro de Jerônimos, A Torre de Belém, O Convento de Thomar e Santa Cruz de Coimbra. O Paço de Cintra iniciado por D.João I (gótico) foi terminado em fins do século XIV por D.Manuel que introduziu na construção e decoração elementos árabes como os azulejos de Sevilha e os mosaicos.

O estilo Manuelino representa com fidelidade a alma portuguesa do período renascentista. Nota-se, porém, marcantes influências góticas. Influências espanholas, indianas e mouriscas também se fazem presentes neste período. Os temas marítimos e religiosos, sempre atuando na vida dos portugueses aparecem como detalhes do mobiliário desta época.

O Estilo Manuelino



Vejam os móveis:

■ CADEIRAS:

- Estrutura retilínea;
- Assento e encosto em couro sola, lavrado;
- Uso de pregarias (taxas uma ao lado da outra);
- Travessão entalhado em forma de concha; Com ou sem braços;
- Pernas torneadas em formas espiraladas entremeadas de bulbos e fusos;
- Pés de bolacha.

O Estilo Manuelino



■ MESAS:

- Estrutura retilínea;
- Forma retangular;
- Sólidas e pesadas;
- Pernas e pés em formas de espirais, bulbo, fusos e bolachas;
- Pés de bolacha;
- As bordas dos tampos das mesas aparecem os cordames (imitando a corda) e os tremidos (entalhe feito à goiva formando sulcos e saliências);
- Puxadores em bronze.

O Estilo Manuelino



■ OS CONTADORES:

Com origem indiana, estes móveis têm a finalidade de guardar papéis e documentos.

Suas características são:

- Pernas altas, torneadas em espiralados, bulbos e bolachas;
- Parte superior com inúmeras gavetas, dotadas de mecanismos que travavam algumas.
- Para abrir uma determinada gaveta, era necessário abrir certas outras numa ordem tal que só o dono do móvel conhecia o segredo;
- Ornamentação dos móveis com cordames e tremidos;
- Puxadores em metal recortado, muitas vezes verdadeiras filigranas.

Na Espanha tornaram-se peças de grande beleza e foram produzidas em grande quantidade. Eram conhecidas como “bargenãos”.

O Estilo Manuelino

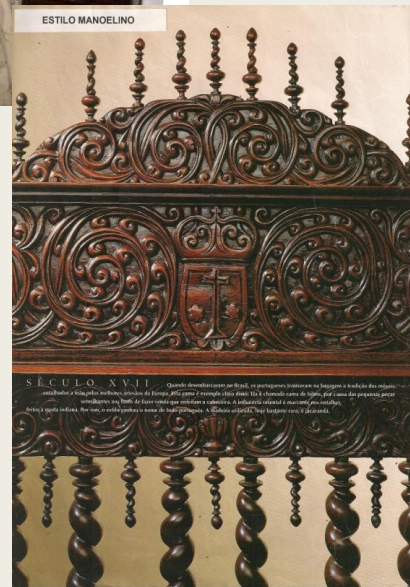


■ ARCAS E ARCAZES:

Peças para guardas roupas ou objetos. Nas igrejas apareciam com grandes proporções e situava-se nas sacristias para acomodarem os paramentos religiosos. Reuniam as mesmas características de ornamentação (tremidos, cordames, etc) dos outros móveis desta época e estilo.

Os arcazes possuem algumas vezes gavetas, assemelhando-se às cômodas.

O Estilo Manuelino



■ AS CAMAS:

De todos os móveis do estilo Manuelino, a cama é a peça mais bela. Nota-se com bastante evidência a influência indiana nesta elaborada peça do mobiliário. Foi usada também na Espanha.

De grandes proporções, porém com delicado trabalho de torneado, mais parecem umas rendas feitas em madeira. Com cabeceira alta, apresentam torneados que imitam os bilros e fusos usados pelas mulheres rendeiras. Por este motivo foram chamadas de “Camas de Bilro”

Suas Características são:

- Normalmente aparecem com cabeceira alta e peseira baixa, ornamentadas por quatro colunetas ricamente torneadas;
- Pés em esferas e bolachas;
- Às vezes apresentavam-se com dosséis e pesados cortinados.
- O estilo Manuelino enquadra-se dentro do período Renascentista da história das artes.

O Estilo D. João V (1706 a 1750)



O século XVIII marca a “Idade de Ouro” do mobiliário português. A época de D. João V foi um período de fausto e grandeza artística.

Este rei encarregou o célebre desenhista de móveis, o inglês Thomas Chippendale, de lhe criar um estilo. Por esta razão denota-se o estilo inglês no mobiliário português deste período.

O Estilo D. João V (1706 a 1750)

Nas fotos abaixo podemos observar detalhes como o pé de garra e bola, o pé de folha e perna cabriolet, usadas no mobiliário projetado pro Chippendale para o monarca português.



Pés de Folha



Pés de Bola e Garra



Chippendale



O Estilo D. João V (1706 a 1750)



O mobiliário D. João V representa o período Barroco da história das artes. Para uma melhor compreensão e reconhecimento deste estilo, vejamos separado cada móvel:

■ AS CADEIRAS:

Características:

- Desproporção entre a altura do assento e do espaldar;
- Pernas cabriolet e Pés de garra e bola;
- Espaldar triangular, bem agudo;
- Travessão com ou sem aranha;
- O encosto e o assento inicialmente aparecem fechados em couro lavrado. Mais tarde, os encostos aparecem com uma tabela vertical, central, recortada sinuosamente em madeira e estofada.
- Essa tabela central é chamada de “Splat” ou “Tabela”. Os tecidos usados eram nobres como veludo, seda, damasco, etc;
- A ilharga (estrutura da cadeira abaixo do assento) e o joelho (saliência na perna) aparecem com ornamentos entalhados;
- Aparecem com ou sem braços.



O Estilo D. João V (1706 a 1750)



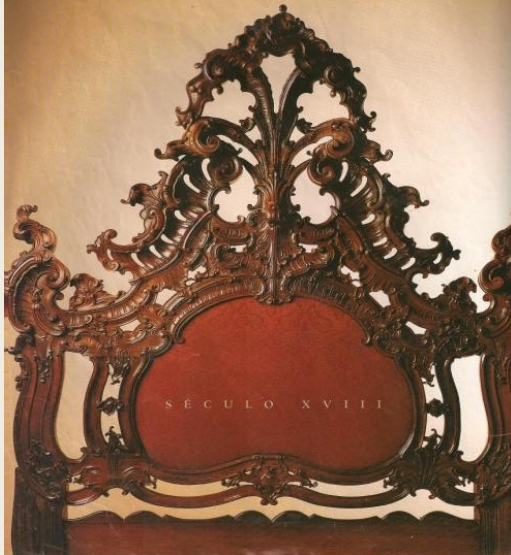
■ AS MESAS:

Características:

- Sólidas e pesadas;
- Pernas cabriolet;
- Pés de garra e bola;
- Aparecem os “aventais”, “saías” ou “barrigas” bem pronunciadas (parte frontal da mesa, situada abaixo do tampo);
- Ornamentação entalhada em forma de conchas e plumas, bem ao gosto do estilo Luís XV, francês;
- Gavetas abaixo do tampo;
- Puxadores e espelhos de fechadura em bronze ou prata do Brasil;
- Com ou sem travessão unido por aranha.



O Estilo D. João V (1706 a 1750)



■ AS CAMAS:

São de grande beleza, apresentando um trabalho minucioso de entalhe.

Características:

- Cabeceira com almofada central estofada em damasco, veludo, seda, gobelin, chamada de “cartela”;
- Frontão triangular bem esculpado;
- As vezes aparece com altos pináculos (colunetas na cabeceira e peseira);
- Com ou sem dossel;
- As vezes com peseira alta;
- Pernas cabriolet e pés de garra com ou sem bola;
- As camas aparecem em três medidas:
 - De casal (grandes proporções), de solteiro (estreitas, chamadas de catres), e de viúvo ou pároco (tamanho médio).
- Cama de repouso (espreguiçadeira)

O Estilo D. João V (1706 a 1750)



Detalhe da cama



Quarto estilo D.João V completo

O Estilo D. João V (1706 a 1750)

■ CÔMODAS:

Aparecem na versão de:



- Cômodas - papaleiras ou secretárias;
- Cômodas - oratório;
- Cômodas simples;
- Podem ser de grande porte (destinadas aos quartos, com pés de folha) ou “meias cômodas”(usadas nas salas, com pernas e pés de garra e bola);
- Puxadores e espelhos de fechaduras em bronze cinzelado, em latão ou até em prata;
- Aparecem às vezes, conjugadas com oratórios;
- As “cômodas-papeleiras” ou “cômodas-secretárias” abrigam em seu interior segredos, fundos falsos e pequenos cofres.

O Estilo D. João V (1706 a 1750)



■ OS ORATÓRIOS:

Peças de grande beleza aparecem com as seguintes características:

- Frontão triangular bem esculpido ou entalhado;
- Internamente pintadas com ramos de flores, motivos religiosos ou iniciais de família;
- Externamente em madeira aparente ou policromadas (interior de Minas Gerais);
- Os oratórios são normalmente colocados acima das cômodas ou mesas de encostar. O estilo D. João V representa o período Barroco da história das artes.

O Estilo D. João V (1706 a 1750)

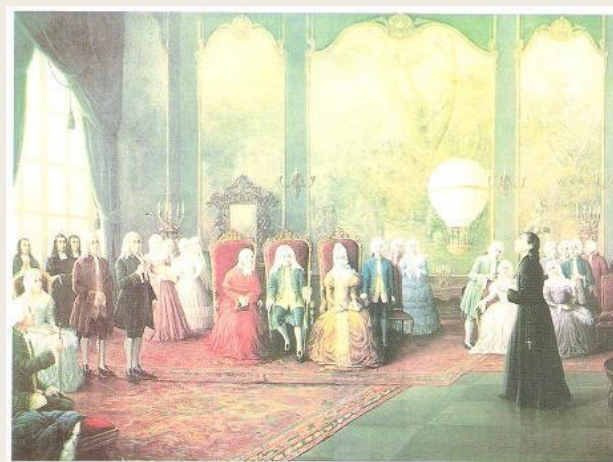
Cenas do cotidiano da época



Peça pertencente ao estilo Barroco usadas no período D. João V



Baile e trajes típicos



D. João V numa recepção na sua corte



Peças barrocas usadas no período D. João V

Estilo D. José I (1750 a 1777)



Este estilo representa o período Rococó. É uma continuação do período D. João V (criado por Thomas Chippendale), porém com nítidas influências francesas. É um estilo transitório entre o Rococó (com sua abundância ornamental) e Neoclássico (no final do período, quando se nota um despojamento de ornamentos e uma transformação para linhas retilíneas).

Os móveis, comparados ao estilo D. João V, assemelha-se nas formas, porém, tornam-se mais leves e esguios. As curvas não são tão pronunciadas e os ornamentos tão exagerados. Aparecem menores no tamanho e os esculpidos mais delicados. As flores, plumas e treliças dão ao móvel um ar leve e delicado.

As pernas mais finas e os pés já não apresentam a pesada forma de garra e bola, passando a ser chamados de “Cabeça-de-Cobra”, pela sua forma levemente triangular e achatada.

Pela influência francesa vemos a perna cabriolet e o ornamento miúdo com bouquets de flores entrelaçados, laços e treliças. Pelo lado inglês vemos a forma básica do móvel que tem Chippendale como autor e também o estilo “Rainha Ana”, tão usado ainda hoje.

Estilo D. José I (1750 a 1777)



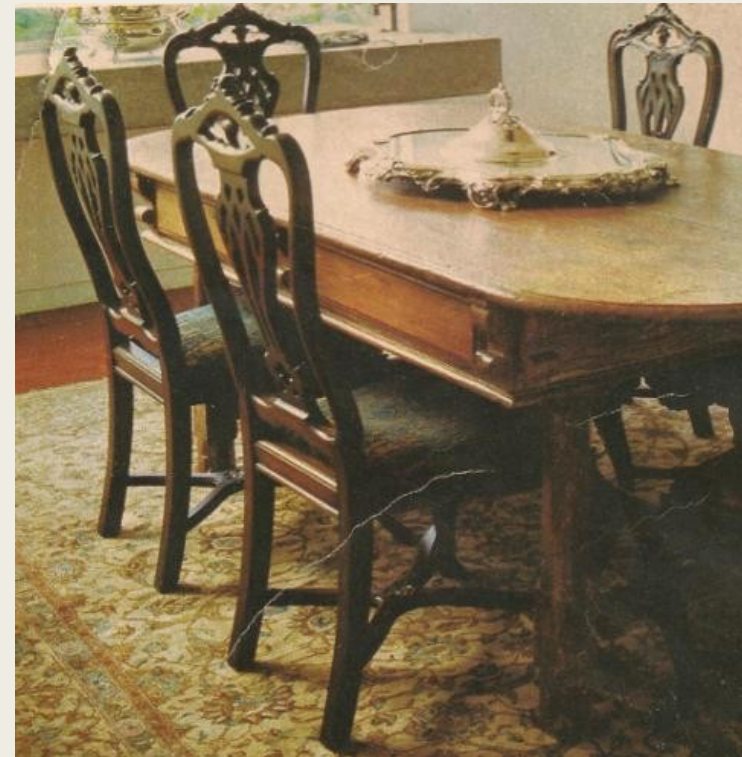
▪ AS CADEIRAS:

Apresentam-se com uma proporção muito melhor do que as D. João V. São bem mais baixas, medindo 1,05 a 1,30m. Aparecem as cadeiras de canto (com três pés) e também as com pés de tesoura.

Suas características são:

- Pernas cabriolet;
- Pés “cabeça-de-cobra”;
- Encosto de tabela ou splat às vezes estofados em finos tecidos ou apenas em madeira;
- Ilhargas e joelhos com delicados esculpidos.

Estilo D. José I (1750 a 1777)



Estilo D. José I (1750 a 1777)



■ AS MESAS:

Perdem os avantajados “aventais”, sendo substituídos por ricos ornamentos de pequenas proporções.

Características:

- Pernas cabriolet, esguias e delicadas;
- Travessões;
- Gavetas abaixo do tampo;
- Pés “cabeça-de-cobra”.

Estilo D. José I (1750 a 1777)



Detalhe das camas do estilo D.Jose I

- **AS CAMAS:**

Seguem o estilo D. João V, porém têm mais leveza e a ornamentação, apesar de muito profusa, aparece muito delicada e miúda.



Estilo D. José I (1750 a 1777)



- **AS CÔMODAS:**

Mais ao gosto francês, elas apresentam-se com pernas mais altas e linhas curvas ficando levemente “bombés”. Foram usadas madeiras de colorações diferentes em frisos e detalhes, aparecendo um trabalho de embutidos de madeira de cores diferentes chamados de “Intarsia” (termo italiano para designar a marchetaria executada em madeiras de colorações diversas).

Estilo D. José I (1750 a 1777)



- **OS ORATÓRIOS:**

Peça sempre presente no mobiliário português. Neste período aparecem peças de grande beleza com profunda ornamentação, sem que isto, porém, as tornassem pesadas. Aparecem as policromias (uso de várias cores) e as aplicações de folheados em ouro.

Estilo D. José I (1750 a 1777)



Arca de Valores



Arca de noivado

■ AS ARCAS:

Aparecem de dois tipos: as arcas pesadas (para guardar valores) e as arcas ao estilo francês, para guardar enxovais. As últimas, revestidas internamente com tecidos e papéis pintados à mão. Externamente apresentam as delicadas guirlandas de flores, laços e fios de pérolas esculpidas. Aparecem também com estes detalhes ornamentais em bronze e até em prata.

Na época do estilo D. José, o Brasil estava em franca expansão. As vilas se desenvolvendo, assumindo ares de cidades com ruas calçadas, igrejas e prédios públicos. Foi a época de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, artista que deixou importantes obras em Minas Gerais. Suas esculturas, altares e portais são considerados como obras de arte do período Barroco e Rococó do Brasil.

O estilo D. José é conhecido como “estilo Pombalino” devido à importante presença do Marquês de Pombal como primeiro ministro do Rei D. José. No final deste período, importantes mudanças no pensamento de toda Europa começaram a ocorrer. Foi à época do Iluminismo, com as idéias de Montesquieu e Voltaire.

Estilo Mineiro – Veneziano



Este estilo surgiu provavelmente com a chegada de um escultor italiano à Ouro Preto. O estilo Barroco da época assimilado na metrópole durante a expansão continental, traduzido plasticamente nos estilos D. João V, D. José I e D. Maria I (este já em transição para o Renascimento do clássico), modificado em sua expressão ortodoxa (móveis pintados no lugar de gessados e dourados) seria levado a Minas através de Portugal porque os portos da colônia ainda achavam-se fechados.

O estilo foi trazido ao Brasil por artistas venezianos que assinalaram sua passagem pelo Brasil deixando desenhos ou orientando a construção do mobiliário mineiro.

Estilo Mineiro Goiano



A preferência pelo móvel quadrangular seiscentista em Goiás e Minas no século XVIII deve-se à facilidade de construção. O mobiliário mineiro-goiano é caracterizado pelo desenvolvimento de padrões vigentes no século anterior, constando de almofadas, pernas de quinas (ângulos) subensablagem (reforço das meias-cômodas, poltronas, sofás, cadeiras e mesas) de pernas paralelas simples, de mesas com tampo de beira larga, pranchas monóxilas envolvidas por bastidores (protetores das bordas).

As pernas têm, muitas vezes, o formato de um “H” com dois traços horizontais. O acabamento é singelo e as ornamentações são esculpidas a enxó (instrumento de carpintaria feita de chapas de aço afiladas). Estes acabamentos são colados nas superfícies planas.

As peças são sóbrias, pesadas e funcionais. Elas aparecem com frequência suficiente para representar o período e traduzir um processo social adaptado às atividades rudes do solo.

Este período somente chegou ao século XVIII, pois as fazendas em Goiás foram formadas nesta época, depois da chegada das bandeiras paulistas. A forma é de inspiração gótica no gênero dos exemplares do norte da Europa e renascentistas italianos. O estilo mineiro-goiano pode ser visto nos museus de Ouro Preto e Sabará.

Estilo D. Maria I



Nesta época, a Europa era um caldeirão fervente de idéias, e para falarmos do estilo que vigora em Portugal, neste momento, não podemos deixar de situá-lo no contexto histórico desta Europa em vésperas a tão grandes e significativas mudanças.

Em Portugal, assume D. Maria I, filha de D. José I. O ano era 1777. Para entendermos melhor o que se passa, reportemo-nos ao centro dos acontecimentos: A época é o final do século XVIII. O local, a França. Os personagens são muitos, alguns eternizados pela história; outros, anônimos, mas não menos importantes. Com a coroa da França estão Luiz XVI e Maria Antonieta, austríaca por nascimento e para os franceses, uma estrangeira.

O estilo da moda é o Rococó, que reflete bem a despreocupação própria da nobreza destes tempos. Reis, Rainhas, Duques e Marquesas ostentam a “coquetterie” das modas de rendas, perucas, pó-de-arroz e perfumes. A vida na corte desenrola-se sob o manto do desperdício, da leviandade, das intrigas e dos favoritismos. A frivolidade dos pensamentos faz com que todas as atividades espirituais fiquem reduzidas a meras ficções.

Porém esta vida de futilidades apenas esconde ou tenta adiar os focos que, contra as aparências, iam roendo as raízes de um regime cheio de contradições internas e prestes a ruir, pois a dúvida e a insatisfação popular estavam no ar, e nada melhor para despertar novas idéias do que uma crise social e um clima de inconformismo das classes menos abastadas.

Estilo D. Maria I

A revolução também estava no ar, preparada desde há muito pelos intelectuais, exigida agora pela miséria crescente das massas fartas de tanta leviandade e pelo descalabro financeiro da corte de Luiz XVI e Maria Antonieta.

Um verdadeiro movimento intelectual acontecia na Europa, mas teve na França a sua maior expressão, pois foi lá que os limites feudais mais se chocavam com o desenvolvimento do capitalismo que emergia.

Tanto que, no fim do século, a burguesia, liderando camponeses e operários, lançou-se contra a nobreza e o clero, e assumiu a direção do Movimento Revolucionário.

A estrutura do pensamento há muito vinha sofrendo mudanças significativas, desde o final do século XVII, com a Revolução Científica e o surgimento dos Enciclopedistas. A primeira característica da mutação mental que ocorreu no século XVII foi à afirmação do homem como sujeito que representa a realidade, seu objeto. A valorização do elemento fundamental do sujeito: aquilo que faz do homem um homem, um ser inteligente: a razão. Foi a época do Racionalismo de Descartes. É o século das Luzes. Começam a rejeitar as velhas instituições sociais, pois chegara a hora de contestá-las em favor de um mundo melhor. Estas idéias foram fundamentais para impelir a Revolução. As idéias voltavam-se contra a Monarquia Absoluta, pois a vontade do povo e a liberdade do homem opunham-se ao princípio do direito divino da monarquia.

Estilo D. Maria I

Temos, portanto, de um lado, a corte tão bem caracterizada pelo estilo Rococó; de outro, a miséria do povo que acalentava as idéias iluministas da elite pensante. Havia ainda a classe burguesa, sequiosa por progresso material e impedida pela nobreza.

Os pensadores iluministas formaram então os fundamentos ideológicos da burguesia, que assumiria a direção do Movimento Revolucionário.

Este movimento intelectual do século XVIII, o Iluminismo, tinha como temas básicos a liberdade, o progresso, o homem; e encontrou sua máxima expressão entre os escritores franceses, que propagaram rapidamente tais idéias entre a elite intelectual européia, sendo tal ideologia particularmente sensível à burguesia, que nela encontrou justificativas para o assalto ao poder. Montesquieu, Voltaire e Rousseau foram os grandes responsáveis por estas novas idéias. E elas se expandiram além-fronteiras, além-mares e propagaram-se por todo o mundo ocidental, servindo de justificativa para o rompimento com a tradição tanto na Europa como nas áreas coloniais na época da independência.

A Revolução explode na França. O furor do povo e de seus líderes Danton, Robespierre e Marat conduz ao saque das casas da aristocracia e às centenas de mortes por dia nos tribunais populares. Rolam as cabeças de Luiz XVI e de sua Rainha Maria Antonieta, assim como de incontáveis nomes da nobreza.

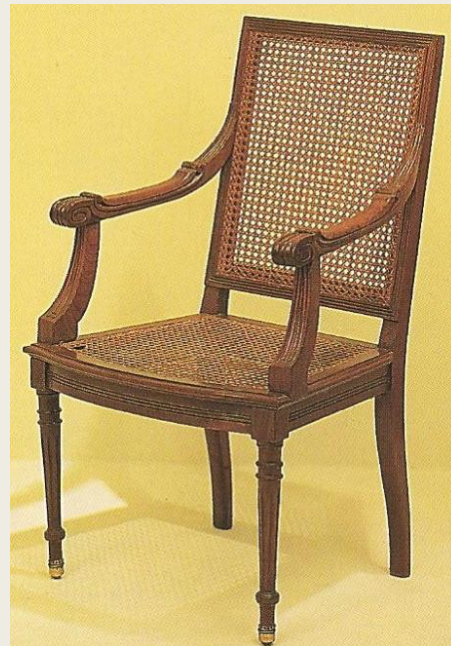
Estilo D. Maria I

Desfaz-se em pó o luxo e a galanteria da corte. O estilo Rococó, com seus rebuscados adereços e sua sinuosa assimetria encontram os seus dias contados e seu primeiro golpe mortal é dado pelo artista Winckelmann, o gênio do Neoclassicismo que desencadeia a revolta contra o Barroco decadente e instaura a teoria do Classicismo.

A Europa estava pronta para aceitar o equilíbrio, a serenidade, a beleza sóbria do ideal grego definido por Winckelmann: “Uma beleza é como a propriedade do mar que permanece imóvel, apesar de agitado em sua superfície.”

Por estes dias, um fato veio reforçar as idéias já inclinadas ao ideal de beleza clássica: a redescoberta de Herculano e Pompéia, que com a evolução das escavações faz emergir das profundezas da terra uma civilização por inteiro, mostrando novamente ao mundo a maneira de viver dos gregos: sua arte, sua arquitetura que se posicionava diametralmente oposta ao Rococó.

Estilo D. Maria I

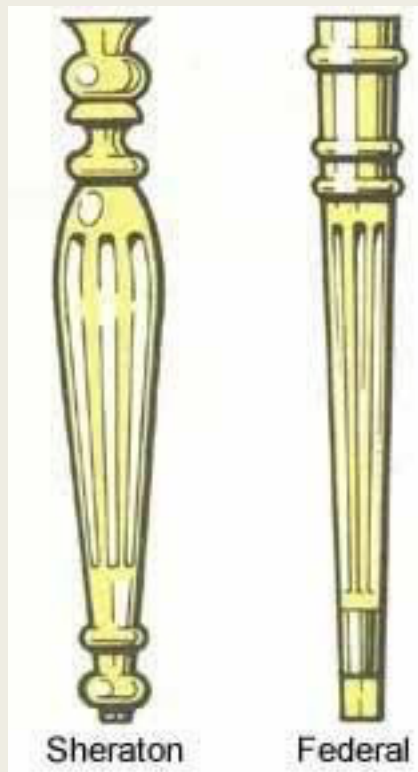


As características principais deste novo-velho estilo vieram preencher as necessidades do povo francês, cansado de tantos “rococós”.

Estas características podem ser assim relacionadas:

- Equilíbrio das formas;
- Simetria;
- Serenidade e proporção das linhas;
- Horizontalidade e predominância das linhas retas;
- Uso das colunas: estabilidade, permanência;
- Frontões triangulares;
- Frisos;
- Cariátedes.

Estilo D. Maria I



Com estas características, foi feito e adotado este novo Classicismo, como representante legítimo das idéias vigentes. Um fiel retrato do pensamento popular.

Assim acontecem os estilos, com fundamentos emergindo de uma conjunção histórica, sendo a expressão da vontade de um povo.

Os ventos de novas idéias varreram, portanto, a Europa. Os costumes se modificam, a moda se transforma, as casas se vestem com as novas formas já despojadas dos excessos de ornamentos, dando lugar a uma atmosfera elegante e sóbria.

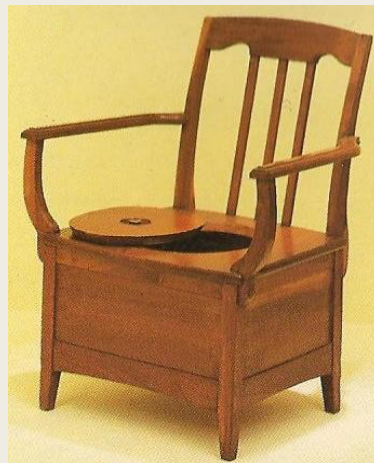
Em Portugal, D. Maria e sua corte sentem também os efeitos destas mudanças e anseiam por novas soluções decorativas para seus palácios e moradias. Sua escolha cai sobre um estilista de renome que espalhava pela Europa suas criações, esbanjando talento e criatividade. Os móveis de Sheraton foram adotados por Portugal como representantes desta nova época.

Estilo D. Maria I



Sheraton, francês de nascimento e inglês por adoção (1750 - 1806) tem como principal característica a simplificação da linha, sem perder a firmeza e a força nas suas estruturas. A linha reta é a sua tônica. Tornou-se muito popular por suas mesas e sofás e por seu característico aparador com seis ou oito pés. Suas escrivaninhas eram famosas por seus segredos. Os tecidos usados eram as sedas lisas e listradas e brocados em ouro e prata com ricos desenhos florais. Suas cores preferidas eram o azul frio, o qual combinava com o amarelo, branco e preto. Sheraton foi considerado o mais original dos estilistas ingleses do século XVIII. Os móveis desta época, de linha inglesa, portanto, representavam o Neoclassicismo. Seguem uma forma, basicamente, retilínea. São leves, delicados e apresentam um equilíbrio simétrico, dando aos ambientes uma serenidade clássica.

Estilo D. Maria I



As pernas de mesas, cadeiras e cômodas aparecem retas com caneluras (sulcos no sentido vertical). Os pés acabam em formas simples ou em forma de dedal.

Estilo D. Maria I



Estilo D. Maria I



Como todos os estilos, este também tem três períodos: o inicial, saindo da fase de transição, onde ainda se sente influências bem marcantes do estilo D. José I e das influências francesas dos estilos Luiz XV e Luiz XVI.

No Brasil, apresenta características regionais, como veremos a seguir:

- **Em Pernambuco:**
Móveis filetados com madeiras mais claras. No espaldar das cadeiras e nas cabeceiras das camas aparecem entalhadas as frutas e flores tropicais como cajus, abacaxis, tulipas, margaridas e boninas.

Estilo D. Maria I



- ***No Rio de Janeiro e na Bahia:***

Aparecem adornos em forma de pássaros, laços, grinaldas de flores e fios de pérola, bem ao gosto dos franceses.



- ***Em Minas Gerais:***

Mobiliário mais simples, somente com filetes e, às vezes, sem nenhum ornamento. As madeiras mais usadas foram o jacarandá, o pau-rosa, o pau-marfim e a caviúna.

Estilo D. João VI



Em 1792, D. Maria foi considerada inapta para governar por motivo de insanidade mental. Assumiu então o trono português seu filho D. João VI, em meio a uma conturbada situação político- econômica.

Portugal vivia momentos de indecisão entre apoiar a Inglaterra, a quem devia larga soma em dinheiro, ou aliar-se a Napoleão, a quem a Inglaterra era ferrenha inimiga.

Nesta situação, Portugal permaneceu até o ultimato francês, quando Napoleão enviou, sob o comando do Gal Junot, suas tropas para a invasão.

A Inglaterra havia prometido ajuda neste caso, e ao saber da eminência do ataque, colocou à disposição da corte portuguesa uma esquadra para garantir a fuga do Rei, sua família e toda nobreza do reino. E assim, em 08 de março de 1808, sob o olhar atônito da população, dá-se o traslado da família Real e toda a sua corte (cerca de 10.000 pessoas) para o Brasil. Para cá, então, transferiu-se a sede do reino.

Estilo D. João VI

As notícias da partida da família real e da aproximação do exército francês transformaram Lisboa. Todos deveriam estar a bordo na noite de 27 de novembro. Mais de 700 veículos transportavam os membros da corte e seus pertences, e no cais de Lisboa acumulavam-se as carruagens, móveis e objetos de arte.

A chuva caía torrencialmente sobre os livros e manuscritos das bibliotecas reais, a prataria do Palácio da Ajuda e os ricos paramentos do Patriarcado.

Milhares de pessoas, em pânico, aglomeravam-se às margens do Tejo com a esperança de conseguir um lugar na esquadra composta de oito naus, quatro fragatas, três brigues e trinta navios mercantes. Não faltaram cenas deploráveis, pois muitos queriam embarcar à força. Aos que corriam de um lado para o outro pelas ruas da cidade vieram juntar-se os foragidos do interior, que pensavam escapar aos invasores franceses na Capital do reino, aumentando ainda mais a aflição dos lisboetas.

O dia 27 de novembro, data marcada para o embarque nasceu claro e ensolarado, ao contrário dos chuvosos dias anteriores. O príncipe regente fez saber a todos os membros de sua família, a seus ministros e demais personalidades da corte que a partida não seria adiada. No dia anterior, 26, havia chegado a Lisboa a notícia que Junot, em Abrantes, estava pronto para atacar. O embarque foi realizado à tarde.

Estilo D. João VI

Lamentando-se e chorando, acotovelando-se pelas praias e pelo cais, o povo lisboeta assistiu ao embarque de seu príncipe e sua corte. Enormes volumes carregando a riqueza da metrópole, obras de arte, relíquias históricas e raridades iam aos poucos sendo tragadas pelos porões dos navios.

A primeira carruagem real a chegar aos cais conduzia o príncipe D. João, o infante da Espanha, D. Pedro Carlos, primo de D. Carlota Joaquina e que morava, havia algum tempo, em Lisboa. Sem o acompanhamento de um só criado ou guarda, D. João, bastante emocionado, não encontrou qualquer súdito que o recebesse oficialmente e subiu a bordo da galeota que o conduziu ao “Príncipe Real”, onde viajariam também a Rainha D. Maria I e D. Pedro. Estava já embarcado o Príncipe Regente quando chegaram ao cais a Princesa D. Carlota Joaquina e seus filhos.

D. Carlota, suas filhas e damas e o infante D. Miguel embarcaram no Afonso’Albuquerque. O Príncipe D. Pedro, com seus servidores, demorou-se um pouco no meio do povo, que o saudava afetosamente, à espera da Rainha- avó, D. Maria I, que no momento de embarcar pôs-se à gritar, dizendo que a roubavam e que não queria fugir de seus inimigos.

Depois que a família Real embarcou com sua comitiva, toda a corte deixou o cais em direção à esquadra. Ministros, altas personalidades do reino e da nobreza, juntamente com alguns regimentos de linha, muitos negociantes e proprietários fizeram com que o número de embarcados chegasse a cerca de 10.000. Só a bordo do “Príncipe Real”, no qual viajavam D. João, D. Pedro e D. Maria I, havia 412 passageiros.

Estilo D. João VI

O terror que dominava os fugitivos, porém, ainda não chegara ao fim. A angustiante espera da partida ainda demorou 40 horas. O mar, além da barra do Tejo (onde se encontrava a esquadra de Sir Sidney Smith e Lord Stangford e que deveriam comboiar os navios portugueses) estava bastante agitado para permitir a saída das naus. Enquanto isso, as tropas de Junot avançavam sobre a capital, e o General francês, conhecedor da região, enviara um destacamento para tomar o Forte de São Julião, com o objetivo de apontar seus canhões para a Foz do Tejo.

Às duas horas da madrugada de 27 de novembro de 1807, um vento favorável permitiu que a esquadra portuguesa formasse sob a proteção dos navios de Sua Majestade Britânica. Sidney Smith e Lord Strangford foram a bordo do “Príncipe Real” e ofereceram a D. João hospedagem na nau capitânia inglesa. O Príncipe, porém, recusou.

Às nove horas da manhã de 30 de novembro, Junot entrava em Lisboa à frente de um exército de vinte e seis mil homens, tendo à vanguarda um destacamento da Cavalaria Real Portuguesa que encontrara a força francesa perto de Santarém e se pusera às suas ordens.

Os primeiros dias da viagem da família Real portuguesa revelaram já o quanto a pressa do embarque havia prejudicado a organização da esquadra.

Estilo D. João VI

Os víveres eram insuficientes, de má qualidade, as bagagens estavam espalhadas pelos diversos navios sem qualquer critério, os alojamentos eram poucos. Além disso, mal alcançando o alto-mar, a esquadra foi surpreendida por violenta tempestade, que durou quatro dias. Os navios dispersaram-se, só conseguindo reunir-se novamente a 5 de dezembro.

Três dias após a reorganização da frota, porém, outra vez as vagas levantaram-se, sopradas por fortes ventos do sul. Mais uma vez, os navios perderam-se uns dos outros. A muito custo, a formação se fez em ordem e a 11 de dezembro foi avistada a Ilha da Madeira.

Finalmente, 55 dias após haver partido do Tejo, a esquadra aportava na Bahia a 22 de janeiro de 1808. Daí, a família Real deveria refazer-se da longa viagem, a fim de partir para o Rio de Janeiro.

Com todas estas ocorrências, não havia tempo para preocupações com o estilo de móveis, moda ou detalhes de vida que não fossem de vital importância. Houve apenas a seqüência do mesmo estilo D. Maria, que sofrera algumas pequenas modificações e acréscimo de detalhes, como veremos a seguir.

Estamos agora no início do século XIX. A Quinta da Boa Vista doado à coroa, transformava-se na residência da Família Real, posteriormente foi transformada em museu e em 2 de setembro de 2018, este prédio histórico foi devastado pelo fogo levando quase a totalidade da memória destes tempos).

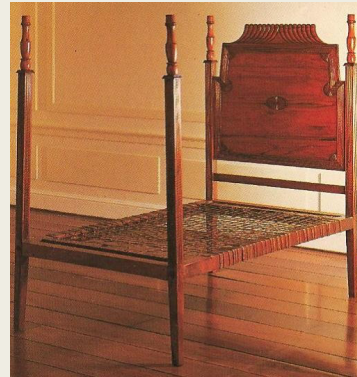
Estilo D. João VI

O Brasil, de simples colônia transformara-se na sede do Reino Unido. A presença de D. João VI e sua corte modifica a atmosfera do Rio. Sente-se que as pessoas vão ficando mais exigentes com o conforto e o visual de suas casas. Com os nobres vieram as peças de bom gosto que agora adornavam as casas brasileiras, impondo um cenário mais de acordo para serem apreciadas.

D. João, logo após sua chegada, já toma as primeiras medidas para melhorar a situação da colônia. Foram elas:

- *A abertura dos portos às nações amigas (em resumo, a Inglaterra);*
- *A fundação do Banco do Brasil;*
- *A criação da Faculdade de Medicina;*
- *O Jardim Botânico;*
- *A abertura da Real Biblioteca;*
- *A vinda de uma missão artística francesa e a abertura da Escola de Belas Artes;*
- *A construção de muitos prédios, como o Palácio dos Vice-Reis (hoje sede dos Correios e telégrafos do Rio de Janeiro);*
- *O Passo de São Cristóvão e outros.*

Estilo D. João VI



Detalhe em flabelos

■ O MOBILIÁRIO:

- A linha permanece Sheraton. O estilo é conhecido como D. Maria ou D. João VI;
- A linha reta predomina;
- Nota-se o uso do jacarandá escuro;
- Gavetas com aplicações em forma de flabelos, rosetas e cordões;
- Pernas em anéis sobrepostos;
- Detalhe da “cabeça-de-cravo”;
- Aplicações e detalhes em osso e marfim.



Estilo D. João VI



Dom Pedro I ou Estilo Béranger



Com o término das divergências na Europa, o povo português clamava pela volta de D. João. Este, no entanto, ponderava entre as opiniões tão divergentes da elite conservadora (que desejava a manutenção das conquistas oriundas da transferência da corte em 1808) e das classes urbanas, com suas idéias liberais e democráticas. Assim, após muitas mudanças de idéia, D. João e sua comitiva retornam a Portugal, aqui deixando D. Pedro como Príncipe Regente, em meio de tantos problemas que pontilhavam o panorama político da época.

Com a volta de D. João VI a Portugal, as cortes de Lisboa ameaçaram restaurar o Sistema Monopolista Exclusivista do comércio colonial.

Os brasileiros, por seu lado, acharam impossível o retorno aos tempos de simples colônia. Esperavam que D. Pedro liderasse sua resistência, se necessário clamando a Independência.

Ao fundo deste cenário de tantas divergências, a Inglaterra observava, aguardando o desfecho.

A Independência viria em forma da famosa proclamação de D. Pedro às margens do Ipiranga. Foi o desfecho de uma luta da classe dominante colonial contra as tentativas de recolonização da metrópole. Embora proclamada, no entanto, a Independência não foi logo aceita por todos. Governadores de algumas províncias negavam-se a aceitá-la, apoiados pelas tropas portuguesas. A situação tornou-se muito conflitante, acentuada pela grave crise econômica em que se via afundado o país.

Dom Pedro I ou Estilo Béranger



Proclamação da República em 07/09/1822, perante sua comitiva D.Pedro I deu o famoso "grito do Ipiranga": - Independência ou Morte, as margens do riacho Ipiranga.

Para a Inglaterra, o bom relacionamento com o Brasil era importante, pois aqui encontravam mercado para seus produtos. Por este motivo, assumiu o papel de mediadora das negociações entre Brasil e Portugal, podendo assim obter vantagens comerciais e políticas nos acordos que se seguiriam. Como exemplo disso, pode-se mencionar o delicado problema da abolição da escravatura. Pressionava a Inglaterra a eliminação do tráfico negreiro e a escravidão no Brasil, pois a mão-de-obra de baixo custo que aqui se obtinha trazia problemas aos produtores de açúcar das áreas coloniais inglesas, ameaçando seriamente a produção na colônia das Antilhas.

Foi com a atuação habilidosa de Sir Charles Stuart, embaixador inglês, que as negociações sobre a Independência foram firmadas, com cláusulas que trariam evidentes vantagens à Inglaterra, como por exemplo, a indenização de dois milhões de libras esterlinas que Portugal receberia do Brasil pelos prejuízos sofridos.

Esta quantia era, coincidentemente, o que Portugal devia a Inglaterra, o que fez com que o ouro brasileiro passasse diretamente aos cofres ingleses.

Dom Pedro I ou Estilo Béranger

Largas vantagens nas taxas alfandegárias e nas exportações de nossos produtos também foram obtidas. Em 1825, por exemplo, chegaram aos portos brasileiros cerca de mil navios ingleses, enquanto apenas dez navios brasileiros desembarcaram produtos nossos na Inglaterra. O tráfico de escravos foi extinto, atendendo às exigências inglesas, o que muito desagradou a aristocracia rural no Brasil. Com tudo isso, é fácil perceber que a posição menos vantajosa nos acordos coube ao Brasil. Para que nossa independência fosse aceita, uma dívida substancial aos já depauperados cofres brasileiros foi contraída, dando origem à dívida externa de nosso país e abrindo um caminho que nos levaria à total dependência da Inglaterra nos anos posteriores.

Neste clima de incertezas, acertos e desacertos, reinou D. Pedro durante este período de 1822 a 1831. Como se podem observar, estes acontecimentos não ensejariam uma vida de coqueterias com preocupações voltadas ao mobiliário, à moda e as artes. Neste setor, os acontecimentos rolavam simplesmente conforme as idéias e modas vigentes na Europa. Com o Império Brasileiro não se criou, portanto, um estilo brasileiro. Porém, no ano da Proclamação da Independência estabeleceu-se em Recife um marceneiro francês de nome François Emmanuel Béranger. De sua pequena marcenaria saíam peças muito bonitas, que em seguida foram copiadas por toda parte, tornando-se, portanto, o estilo do momento.

Dom Pedro I ou Estilo Béranger

A época era do Romantismo e a linha usada no mobiliário era a do Diretório e Império Francês. Napoleão foi seu inspirador. Fez com que sua corte revivesse o fausto e o requinte da época dos Reis Absolutistas. Contratou dois arquitetos decoradores: Carlos Percier e Pedro Fontaine, que além de decorarem seus palácios, criaram atributos que marcaram estilo e o tornaram aceito por toda a Europa.



Famosa pintura de Madame Recamier

Suas características baseavam-se nos assentos e nas linhas do mobiliário greco-romano. O mobiliário desta época apresentava-se guarnecido de bronzes cinzelados, tornando-os ricos e próprios aos palácios. As madeiras são tratadas com vernizes, tornando-as lisas e brilhantes. O bronze e as talhas folheadas a ouro são os detalhes que mais caracterizam o estilo Império. São usadas as sedas, os brocados e todos os tecidos luxuosos. De suas batalhas, Napoleão trazia detalhes que introduzia no estilo, imprimindo-lhes características muito pessoais. Sua primeira esposa, Josefina de Beauharnais, tinha uma especial predileção pelos cisnes, e em sua homenagem a figura destas aves é reproduzida no mobiliário. Assim, vêem-se cadeiras cujos braços reproduzem o longo pescoço e cabeça do cisne.

O recamier, um sofá de descanso (Lit de Repos), com um braço único ou metade do encosto formando um “L” apenas de um lado, ficou conhecido após a famosa tela que retratava Madame Recamier em descanso em um destes sofás. Logo virou moda na Europa, sendo usado em todos os países.

Dom Pedro I ou Estilo Béranger



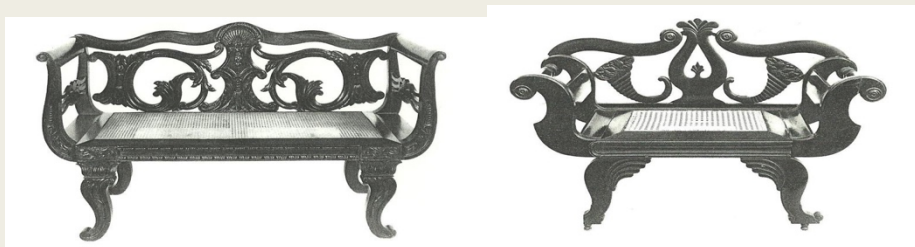
No Brasil, o estilo adaptou-se pelas mãos habilidosas de Béranger, assumindo detalhes que podem ser identificados como a versão brasileira do estilo Império. A madeira mais usada aqui foi o jacarandá, e as pesadas almofadas foram substituídas pela palhinha, mais adequada ao nosso clima. As cortinas de veludo, damasco e outros tecidos espessos deram lugar às cortinas de renda, sedas leves ou filós.

Béranger era apaixonado pela fauna e flora do Brasil e aplicou em seus móveis, na forma de ricos entalhes estes motivos, aproveitando-os em seus famosos sofás, os quais logo se tornaram conhecidos como “sofás Béranger”. Consoles e cadeiras apresentavam-se com curvas sinuosas, onde os entalhes profundos representavam cornucópias despejando cajus, romãs e abacaxis aparecem em composições muito harmoniosas. Os pés dos sofás e consoles aparecem com a forma de dois “C” invertidos.

Foi Béranger que introduziu a técnica do envernizamento com goma-laca, conhecido como “verniz boneca” (um chumaço de algodão envolvido em um pano fino, chamado de boneca, é mergulhado numa solução de goma-laca com álcool e passada várias vezes na superfície da madeira no sentido dos seus veios).



Dom Pedro I ou Estilo Béranger



Este verniz confere à madeira um brilho forte e ao mesmo tempo transparente. Béranger teve um filho aqui no Brasil, o qual recebeu o mesmo nome do pai e seguiu a mesma profissão. Foi mandado para a Europa para aprender o ofício e ao retornar ao Brasil estabeleceu-se como marceneiro e entalhador, produzindo peças lindíssimas, das quais se pode destacar o púlpito da Igreja de São Francisco, em Recife (1850), no qual a talha se mistura de tal maneira que as emendas do bloco desaparecem, dando a impressão de uma peça inteiriça.

Das peças criadas por Béranger podemos dar destaque especial à cadeira conhecida como “cadeira Pernambucana”, que possuía características do estilo Diretório- Império francês.

ENCOSTO: Tábua plana no espaldar, com travessa no meio, no sentido horizontal

BRAÇOS: Voltados para dentro, formando elegante linha curva.

Dom Pedro I ou Estilo Béranger



ASSENTO: Palhinha.

PERNAS: As de trás abertas para trás. As da frente eram torneadas. Obs.: Esta cadeira aparece também sem braços. Nesta época, surge uma cadeira quase igual à Pernambucana, chamada de “Mineirinha”. As diferenças estão em:

ENCOSTO: Espaldar com recorte curvo, assemelhando-se ao chapéu de toureiro.

PERNAS: As de trás servem a mesma linha, porém as da frente são “cabriolet”, terminadas em “pé-de-cachimbo”.



Cadeira estilo
“Pernambucana”



Cadeira estilo “Mineirinha”

Dom Pedro I ou Estilo Béranger



Os sofás (também conhecidos como canapés) tinham a estrutura toda em madeira recortada em sinuosas linhas curvas. Os pés formavam duas letras “C” invertidas. O espaldar era todo recortado em curvas com ricos entalhes, geralmente representando a flora e fauna brasileiras. O assento, geralmente de palhinha era às vezes estofado com tecidos requintados. Estes sofás eram peças muito trabalhadas, com grande riqueza de detalhes, o que os deixava com um aspecto um tanto pesado.



Dom Pedro I ou Estilo Béranger



- **A CADEIRA “DE GRAMPO”:**

Encosto: *Em forma de grampo (usado pelas espanholas para firmar o xale no cabelo) com trave central horizontal.*

Pernas: *Cabriolet com rolimãs nos pés.*

Assento: *Em palhinha.*

Dom Pedro I ou Estilo Béranger



Sofá de noivado

■ OS SOFÁS:

Aparecem nesta época os conjuntos de “salas de visitas”, compostas por sofá, poltronas, mesas e consoles.

Os “sofás de noivado” tinham dois lugares estofados em tecidos nobres ou couro. Tinham assento inteiriço, porém encostos individuais em forma de grampo.

As pernas eram cabriolet. Aparecem também os sofás de três ou quatro lugares com assentos ou encostos de palhinha, estes últimos em forma de medalhão.



Dom Pedro I ou Estilo Béranger



■ AS MESAS:

As mesas e consoles apresentavam tampo de mármore embutido, a “aranha” na parte inferior ligando os pés, encimada por uma pinha torneada. As pernas eram cabriolet.



Dom Pedro I ou Estilo Béranger

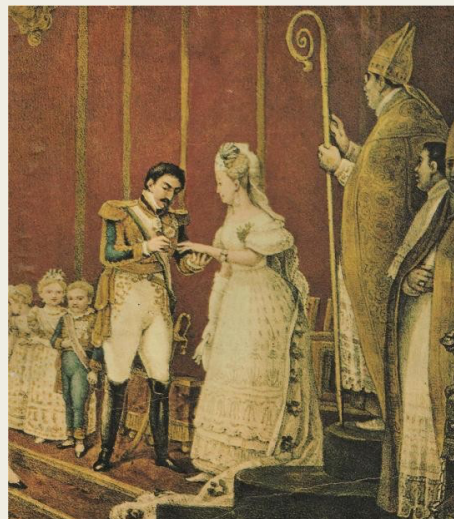
Alguns acontecimentos da época



Primeira esposa de D. Pedro I, Dona Leopoldina, junto com seus filhas e em seu colo Pedro de Alcântara futuro D. Pedro II



D. Pedro I compondo o hino nacional, hoje hino da independência.

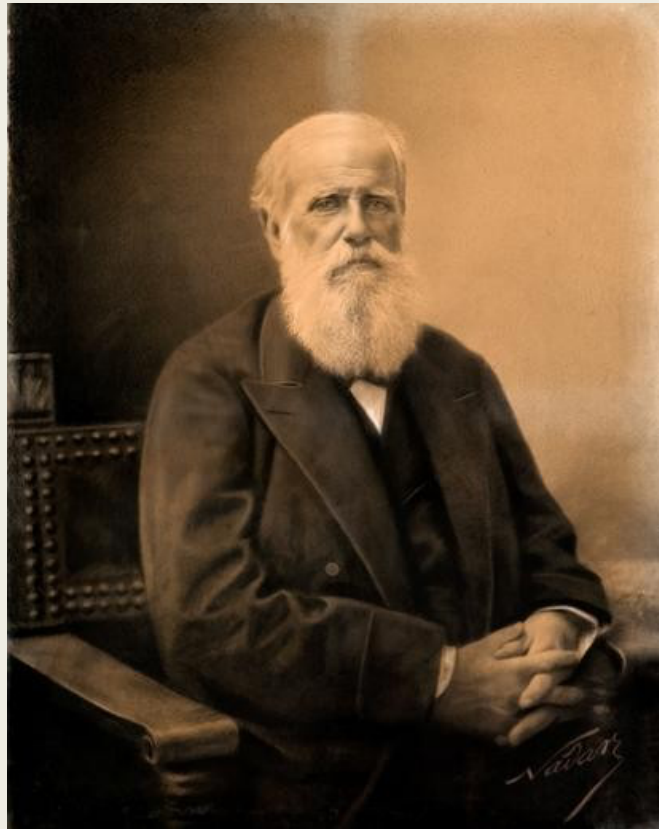


D. Pedro I, Após a morte de D. Leopoldina casou-se com Amélie Auguste Eugénie Napoleone de Beauharnais. A pintura representa seu segundo casamento.



Segunda esposa de D. Pedro I, Amélie de Beauharnais

D. Pedro II ou Estilo Vitoriano (1840 a 1889)



Com a morte de D. João VI em 1826, D. Pedro deveria assumir o trono português. Sabendo que os brasileiros não admitiriam a união das duas coroas, o Imperador abdicou o trono em favor de sua filha e nomeou uma regência, até que seu irmão, D. Miguel, pudesse desposar D. Maria da Glória, então ainda criança. Porém, os absolutistas portugueses não acataram a decisão de D. Pedro I e aclamaram D. Miguel como Rei de Portugal. A situação exigia a presença de D. Pedro em Portugal. Em vista destas e de tantas outras ocorrências históricas, no dia 7 de abril de 1831, D. Pedro abdica ao trono do Brasil em favor de seu filho e volta a Portugal para assumir o trono como D. Pedro IV.

D. Pedro II era ainda uma criança, ficando sob a tutela de José Bonifácio e posteriormente do Marquês de Itanhaém. Nos anos que se seguem, muitas divergências aparecem no cenário político do país.

D. Pedro II ou Estilo Vitoriano (1840 a 1889)

D. Pedro II assume o trono em 1840 e seu reinado se prolonga até 1889, com a Proclamação da República. D. Pedro casou-se com D. Maria Cristina e teve quatro filhos: Afonso, Isabel, Leopoldina e Pedro.

Problemas econômicos, guerras (dos Farrapos e do Paraguai), disputas políticas, a questão dos negros e tantos outros problemas absorvem a atenção do Imperador e dos políticos da época, não deixando espaço para uma vida mais voltada à cultura e às artes. Assim, mais uma vez as artes, a moda e a cultura como um todo eram praticamente importadas da Europa.

O reinado de D. Pedro foi simultâneo ao da Rainha Vitória da Inglaterra (1819 a 1901), soberana que muito influenciou nas modas e costumes de toda Europa e, conseqüentemente, do Brasil.

O mobiliário da época foi basicamente Vitoriano com algumas adaptações ao clima mais quente do Brasil.

D. Pedro II ou Estilo Vitoriano (1840 a 1889)

- **AS CADEIRAS:**

A CADEIRA “MEDALHÃO”

Encosto: Em forma oval, com moldura boleada. Usou-se a palhinha no encosto. Quando aparece com flores entalhadas no espaldar nota-se a influência francesa. Algumas aparecem sem a palhinha e com uma trave central no sentido horizontal.

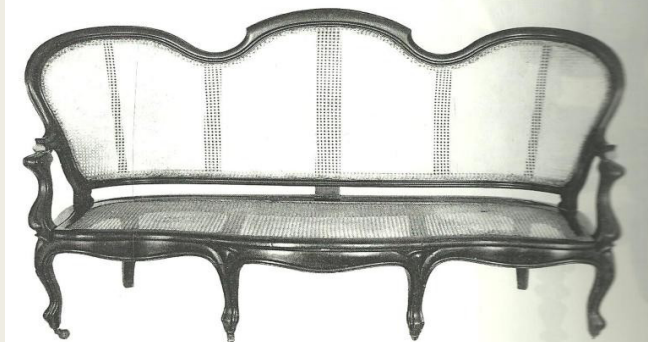
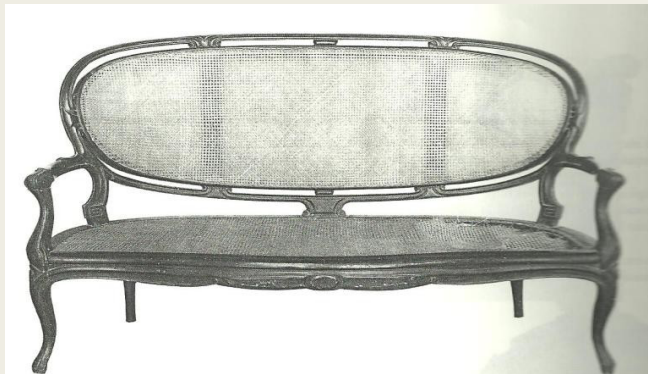
Pernas: Cabriolet, ao gosto francês.

Assento: No Brasil usou-se a palhinha.



D. Pedro II ou Estilo Vitoriano (1840 a 1889)

Canapés



D. Pedro II ou Estilo Vitoriano (1840 a 1889)

Sofás vitorianos



D. Pedro II ou Estilo Vitoriano (1840 a 1889)

Os Complementos do Estilo

■ *Os Complementos do Estilo:*

Sobre os consoles apareciam com freqüência as “donzelas”, que são mangas de grandes proporções. Serviam para proteger a chama das velas.

Eram fabricadas na Cristaleria Baccarat e as mais simples, de vidro, vinham da cristaleria portuguesa de Vista Alegre. Os vasos para flores eram franceses chamados de “Vieux Paris”. De porcelana e ricos de douração, tinham forma achatada e nos lados, alças disfarçadas de folhas e flores pintadas à mão. Eram usados aos pares. As opalinas eram também ao gosto Vitoriano e muito utilizado. As estatuetas de casais de porcelana vestidos em trajes de camponeses ou como nobres apareciam com freqüência.

As cristaleiras, onde se exibiam as porcelanas e os cristais eram móveis de grande porte e aparecem em modelos bastante variados. A madeira mais usada entre nós era o jacarandá (em maior escala) e o vinhático.



Donzela



Porcelana Vitoriana



D.Pedro II ou Estilo Vitoriano (1840 a 1889)

Imagens da época



*D .Pedro II com sua esposa Teresa Maria Cristina
Juntamente com suas filhas, no canto esquerdo,
D.Pedro II aparece quando era bebê.*